

## “Alea Jacta Est”: algumas considerações sobre o filme *A Onda*

Carlos Alberto S. Soares<sup>1</sup>

*A Onda.*

Título original: *Die Welle.*

Lançamento: 2009.

Direção: Dennis Gansel.

País: Alemanha.

Duração: 107 min.

Gênero: Drama.

Conta Suetônio que Julio César — no ano 49 a.C., em plena guerra civil romana, confrontando-se o general Pompeu, com seu exército às margens do Rio Rubicão, na fronteira entre a Itália da Gália Cisalpina — viu uma estranha figura que arrebatou a trombeta de um soldado e, pondo-se a soprar o toque de batalha, vadeou o rio em direção à margem oposta. Empolgado, Júlio César anunciou resoluto em altas vozes: – *Alea jacta est!* – a sorte está lançada! E atravessou o Rubicão, dando início a uma batalha que culminaria com seu triunfo sobre as tropas inimigas e a transformação da República no Império Romano.

O filme “A Onda” (*Die Welle*, 2009) do diretor alemão Dennis Gansel relata uma história baseada em fatos reais ocorridos com o professor de história Ron Jones, em 1967, em Palo Alto, Califórnia, onde o professor de Ensino Médio, durante um curso de autocracia, decide realizar uma experiência pedagógica prática com seus alunos. Ele reencenou a estética nazista, de sorte a perceber como sociedades liberais podiam produzir atrocidades tais quais as cometidas por Hitler e seus seguidores. Durante uma semana seus alunos construíram um grupo político, com feições extremistas, denominado “A Terceira Onda”, que estabeleceu saudação, slogan e milícia. O projeto rendeu ao professor aborrecimento com pais e diretores da Cubberley High School. No entanto, Jones também ganhou dinheiro, visto que sua experiência serviu de esteio para um livro, além de alcançar a TV e o cinema (em 2011, Philip Neel, ex-integrante da turma de 1967, produziu o documentário *Lesson Plan, the story of The Third Wave*).

O filme de Dennis Gansel tem como cenário principal uma escola alemã. Segunda-feira, o professor Rainer Wenger (Jürgen Vogel), dirige seu automóvel ao som de “*Rock 'n' Roll High School*” do Ramones. Chega à escola e descobre que vai ensinar autocracia durante a semana de projetos do colégio (A ONDA, 2009, 1min45s).

Insatisfeito, tenta, por uma questão de proximidade com o tema, trocar com outro professor, que se incumbiu de discutir o conceito de anarquia — ele se nega dizendo apenas: “*Alea Jacta Est!*”. (A ONDA, 2009, 3min15s) Frustrado, Wenger leva para sala de aula uma temática que não lhe apetece. O mesmo vale para seus alunos.

Imersos em uma atmosfera de puro alheamento, preenchida por festas repletas de drogas e bebidas, os jovens estudantes discutem o vazio de seus dias. Um deles afirma: “contra o que a gente vai se revoltar hoje em dia... parece que nada mais vale a pena... a gente só quer diversão... o que falta para nossa geração é um objetivo comum...” (A ONDA, 2009, 8min30s).

É possível fazer relações diretas entre o filme e alguns elementos da sociologia em Durkheim. A escola representa uma instituição social, conservadora por essência. Vivemos numa sociedade em “estado de anomia”, marcada pela perda de identidade e valores, sem objetivos claros e normas sociais enfraquecidas, o que leva a um desespero generalizado entre os seres humanos.

O painel se desenha: a comunhão entre um professor descontente com a disciplina que ministrará e alunos que pouco enxergam além de suas bebedeiras. A aula começa sem transtornos. Questões básicas são apresentadas e contempladas com respostas e explicações objetivas. Ao mencionar o Terceiro Reich, a aula ganha uma nova dimensão. A temperatura entre os jovens aumenta. Discutem acaloradamente. Então surge um questionamento feito pelo professor: “Seria possível outra ditadura autocrática na Alemanha?” A partir da discussão entre os alunos – que ficaram divididos entre sim e não –, ele propõe uma experiência e os alunos aceitam. Se iniciam então diversos mecanismos e elementos presentes nos movimentos totalitários que já existiram na história. O professor estimula os estudantes a responder quais os pressupostos para a construção de um regime ditatorial/autocrata. Uma população descontente, frustrada em seus anseios e demandas poderia esposar ideias discricionárias, e, portanto, sustentar movimentos de extrema-direita (A ONDA, 2009, 11min15s).

A sociologia funcionalista atribui à sociedade em estado de anomia a motivação fundamental para o florescimento da extrema-direita. A partir de Émile Durkheim, entendemos a anomia social como um cenário em que as pessoas carecem de integração institucional, vínculos sociais, referenciais sociológicos. Estas ausências facultam a penetração do fascismo com seus hinos, símbolos e bandeiras, especialmente junto às classes médias urbanas amedrontadas face ao “perigo” — seja ele qual for.

Para Emilé Durkheim a tarefa mais importante para se compreender a sociedade é desvendar os mecanismos sociais que a estruturam. Em um processo de abstração é possível afirmar que a sociedade não é apenas um agrupamento mecânico de indivíduos em um determinado espaço geográfico. A sociedade é muito mais do que isso; ela também é definida por seu entorno moral e cultural que se entrelaçam em um processo de colaboração e compartilhamentos que vão além da vontade dos indivíduos.

Um exemplo desse fenômeno é o processo da educação. De acordo com E. Durkheim, o ato de educar consistiria em um processo coletivo, exterior à vontade dos indivíduos, sem o qual se torna inviável a vida social. Isto é, a educação seria parte constitutiva do processo de integração dos indivíduos às funções sociais, e dela os indivíduos não podem escapar, porque por meio dela é que seriam transmitidas as regras e normas sociais. Tampouco os indivíduos teriam condições de criar um fato social que substituísse a educação.

Ainda que sua provocação intelectual fosse frágil, o professor Wenger não era um acadêmico, nem o espaço era universitário. Diante da afirmação de que a ressurgência de uma ordem ditatorial era improvável, o educador, sem revelar suas intenções aos alunos, recria dentro de sala um simulacro das bases de um sistema autocrata. Culto à liderança, disciplina, signos, gestos e, acima de tudo, a uniformidade do coletivo se transformam em regras na classe de Wenger. Assim o professor se transforma na figura central de liderança do grupo, intitulado “A Onda” regendo e regulando o grupo por princípios como normas de conduta, disciplina e coletividade. Os alunos agora precisam pedir permissão para falar e levantar-se ao fazê-lo; começam a se vestir de maneira uniforme — calça jeans e camisa branca — começando a agir de forma uniforme e auto protetora.

Passar a existir um espírito de coletividade antes inviável pelas diferenças entre os indivíduos, que agora passam a ter algo em comum. Surge o poder pela disciplina e, mais importante, pela união. Não demora muito para que membros do grupo comecem a levar o experimento a sério demais, sentindo-se poderosos e superiores aos não-membros. Quem não concorda com o movimento é automaticamente excluído – inclusive pelo líder, o professor. A experiência que inicialmente duraria apenas uma semana sobe à cabeça de Wenger e dos alunos. Os integrantes do movimento abrem mão de sua identidade e liberdade para a criação de uma massa única, poderosa e autoindulgente.

Dia após dia, os estudantes, antes desmotivados, aprovam o novo formato da aula com marchas e bravatas. Encontram uma resposta gratificante aos seus desejos e demandas. O

professor, extremamente loquaz, não se depara com muitas dificuldades para construir um grupamento monolítico. Suas aulas tornam-se concorridas. Arregimenta e amplia adeptos. Supera-se a condição anômica por meio da identificação com o grupo recém-formado.

Os alunos que não desejam participar da formação do grupo passam a ser desprezados pelos demais colegas de classe. Karo (Jennifer Ulrich) antagoniza os membros do grupo; é, por excelência, uma *outsider* (A ONDA, 2009, 36min25s). Podemos então observar o surgimento de um grupo de resistência que questiona os métodos e forma de agir d'A Onda. É possível fazer uma analogia aos grupos de oposição aos regimes autoritários. Essa oposição é representada no filme principalmente pela “menina de camisa vermelha”, Karo, que parece consciente do processo que se desenha, e interpela a todo o momento as ações do professor e da turma. Pregando no deserto, sem lhe dar ouvidos, os colegas isolam Karo em escala crescente.

Em um dado momento do filme, como se este fosse uma espécie de anti-“Sociedade dos Poetas Mortos” (*Dead Poets Society*, filme americano de 1989 de Peter Weir), os estudantes marcham em sala objetivando se tornarem um só corpo, orgânico, indissolúvel. Forma-se a unidade fascista. Com sua marcha retumbante, premeditadamente passam a rivalizar ameaçadoramente com a turma do Sr. Wieland, professor do curso de anarquia, logo abaixo no prédio. (A ONDA, 2009, 32min30s) Fosse como fosse, extremistas de direita não têm qualquer apreço pela alteridade; adotam uma postura persecutória a todos aqueles que representem a dessemelhança: judeus, negros, ciganos, homossexuais, etc.

A consciência coletiva, segundo Durkheim é a força coletiva exercida sobre um indivíduo, que faz com que este aja e viva de acordo com as normas da sociedade na qual está inserido. Assim como na vida mental, a consciência coletiva é feita de representações que transcendem a esfera individual, por sua superioridade e atua com força sobre as consciências individuais. Ela é fruto de pequenas contribuições individuais, que juntas, formam o todo, não sendo fruto de teorias metafísicas, mas de fatos sociais reais. É o conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média da população de uma determinada sociedade, formando um sistema com vida própria, que exerce uma força coercitiva sobre seus membros. É um sistema que existe fora do indivíduo, mas que o controla pela pressão moral e psicológica, ditando as maneiras como a sociedade espera que se comporte, reunindo para isso, o conjunto de fatos sociais que o compõe.

A própria educação dada às crianças consiste, ainda segundo Durkheim, em um sistema de consciência coletiva, uma vez que as forçamos a comer, beber, vestir-se e falar de acordo com as normas e padrões vigentes na sociedade em que estamos inseridos. Qualquer desvio dos padrões dessa sociedade, pode provocar o isolamento do indivíduo, comparável a uma pena imposta por lei. Essa pressão sofrida pela criança, é a pressão da sociedade tentando moldá-la à sua imagem e semelhança.

O indivíduo se submete à sociedade e é nessa submissão que ele encontra abrigo. A sociedade que o força a seguir determinados padrões, é a mesma que o protege e o faz sentir-se como parte de um todo estruturado e coeso. Essa dependência da sociedade traz consigo o conforto de pertencer a um grupo, um povo, um país. Nesse sentido, não há contradição alguma na relação submissão-libertação.

Duas cenas merecem registro: O solitário Tim Stoltefuss (Frederick Lau) joga fora suas roupas de marca e, em seguida, Karo é criticada por não usar a camisa branca, que compunha o uniforme d'A Onda. Sua recusa é tida como um gesto egoísta; típica atitude, na visão do grupo, de uma jovem refém da vaidade. As cenas, em sequência, são complementares. Enquanto Tim abdica dos símbolos individuais e aceita a uniformização, traduzida no uso do branco, Karo quer manter seus desejos e escolhas individuais, que a transformam ainda mais em objeto de estereótipo (A ONDA, 2009, 36min25s).

Para melhor ilustrar esse fenômeno da consciência coletiva, o filme utilizou uma partida de Polo Aquático — esporte coletivo praticado em piscina e disputado por duas equipes. Em uma partida desse esporte a dinâmica exigida é ação coletiva compartilhada. Se, por ventura, ocorrer um predomínio das consciências individuais dos jogadores em detrimento da tática coletiva, toda essa dinâmica de funcionamento da ação coletiva compartilhada fica comprometida, ou seja, se cada jogador buscar aplicar apenas suas táticas individuais em detrimento das táticas coletivas, certamente os jogadores estarão comprometendo o resultado positivo a ser alcançado. Nesse sentido, quando o grupo A Onda se estabelece, os diferentes jogadores se integraram em uma estratégia para a equipe e não apenas para os indivíduos isolados. Naquela altura, o exercício está fora de controle. O processo de “fascistização” foi concluído (A ONDA, 2009, 1h16min30s).

A história começa a mudar de rumo quando um dos integrantes, Marco (Max Riemelt) percebe sua modificação ao bater em sua namorada Karo. O ato agressivo leva-o a identificar o processo como um equívoco (A ONDA, 2009, 1h20min56s). Diante da

constatação, vai à casa de Wenger pedir para que ele cancele a “pseudodisciplina”, pois se trata de uma experiência “totalmente fascista”. Marco insiste que este encerre a experiência, sobre a qual já não tinha mais controle algum. (A ONDA, 2009, 1h22min35s). Wenger marca uma reunião com os integrantes.

O cenário é o anfiteatro de uma escola alemã (A ONDA, 2009, 1h25min35s). Eloquentemente, Rainer Wenger, o professor, discursa para seus alunos, perfilados, de uniforme branco em uma encenação de fala inflamada afirmando que o grupo é a solução para os atuais problemas de desigualdade na Alemanha, que juntos seriam capazes de levar o movimento ao resto do país e que qualquer oposição que surgisse seria “arrastada pela onda”. Ao ser criticado abertamente por Marco, Wenger, para a surpresa de todos, diz: “Tragam o traidor para cá!”. Ato contínuo, Marco é preso pelos colegas; debate-se, tem o semblante cerrado, cabelos loiros a serpentear pela testa, mas a resistência é em vão. É conduzido ao palco em que se encontra o mestre, que, raivosamente, fala: “Marco, responda na frente de todos, você está conosco ou contra nós?”. Com os braços ainda retidos, a sacolejar o resto do corpo, afirma: “você enlouqueceram de vez!”. Wenger, olhando para os presentes, pergunta: “O que vamos fazer com o traidor?”. Gritos ininteligíveis ecoam pelos cantos do anfiteatro. O professor repete a frase. A atmosfera é tensa. Ele assevera ao corpulento aluno de boné que mantém os braços de Marco atados às costas: “Bomber, você decide. Vamos! Você trouxe o traidor até aqui”. Desolado, posta os olhos momentaneamente no chão, em seguida encara Wenger, e diz: “claro, porque o senhor mandou”. O mestre: “Por que eu mandei? Você o mataria se eu mandasse? Devemos enforcá-lo ou arrancar a cabeça dele? Poderíamos torturá-lo para concordar conosco. É isso que fazem na ditadura”. Silêncio sepulcral. Wenger: “Entenderam o que aconteceu aqui?”

Esse discurso tem a intenção de mostrar aos jovens que estavam muito envolvidos na situação, obedeciam a ordens sem questionar, perdendo a capacidade de pensar por si, e que essa era a realidade de uma ditadura. O professor, então, volta à questão inicial: seria possível outra ditadura? E a resposta se faz clara: sim. Não só seria possível, como aquilo que estavam vivendo na última semana era um exemplo prático. O professor se desculpa por ter deixado A Onda ir longe demais (inclusive em sua mente). Porém, os alunos se mostram perturbados.

No momento em que o professor Wenger julga que A Onda chegou ao fim, Tim — que antes era excluído da turma e que encontrou no grupo uma ascensão e sentimento de pertencimento a algo —, após o inconformismo de outro aluno, saca a arma, e, em desespero, diz: “A Onda está viva! Ela não morreu”. Repete a frase. Aos gritos. Fora de si, alveja um

colega, ferindo-o e, em seguida, termina por se matar. A película nos mostra que, como o jovem Tim, nem todos estão dispostos a abdicar das doses de gratificação/prazer que o discurso fascista é capaz de ofertar.

Segundo a etimologia de Emile Durkheim, ficam especificados os tipos de suicídios e suas causas que são sempre sociais. Quando as sociedades não conseguem equilibrar os anseios individuais com as determinações sociais, ocorre aquilo que o sociólogo francês definiu como “correntes suicidógenas” isto é, movimentos de suicídios em virtude do fato de que os indivíduos não se sentem integrados à sociedade. No caso deste filme um Suicídio Altruísta no qual o indivíduo sente-se no dever de fazê-lo para se desembaraçar de uma vida insuportável. Um suicídio em que o ego não o pertence, confunde-se com outra coisa que se situa fora de si mesmo, isto é, um do grupo a que o indivíduo pertence.

O professor acaba sendo preso e a turma, devastada.

Afora a insatisfação, o filme deixa entrever que a desorganização familiar (distanciamento pais-filhos) favorece a sedução fascista. Enquanto crianças se entorpecem e adotam uma postura, no geral, agressiva, os mais velhos dizem que essa geração deve descobrir seus limites através das suas próprias experiências. A sorte está lançada. Uma sociedade sem sistema de referências e balizamento, sem compreensão histórica e perspectivas, o pavio para autodestruição pode ser aceso por qualquer um. Segundo a indicação da película, esta é uma das lacunas ocupadas pelos lobos da extrema-direita.

Existe uma grande pergunta que fica sem resposta ao assistir este filme, pois seja por acaso, ou por iniciativa premeditada, vemos a todo o momento surgirem em toda parte embriões deste ideário político. Então perguntamos: “Até quando a autocracia será subjugada?”

#### REFERÊNCIAS:

A ONDA. Direção: Dennis Gansel. Alemanha, 2009. 107 min, col. Disponível na Netflix. Acesso em: 14 jun. 2016.

DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. 2ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. In: As Regras do Método Sociológico. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. In: Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1970.

Boletim do Tempo Presente, nº 04, de 08 de 2013, p. 1 - 10, Disponível em:

<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente> Acesso em: 02 Julho 2016.